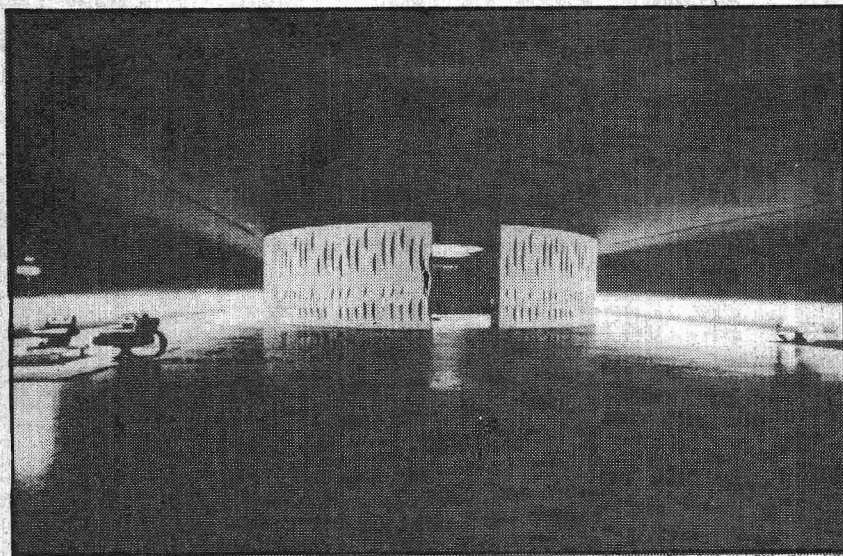
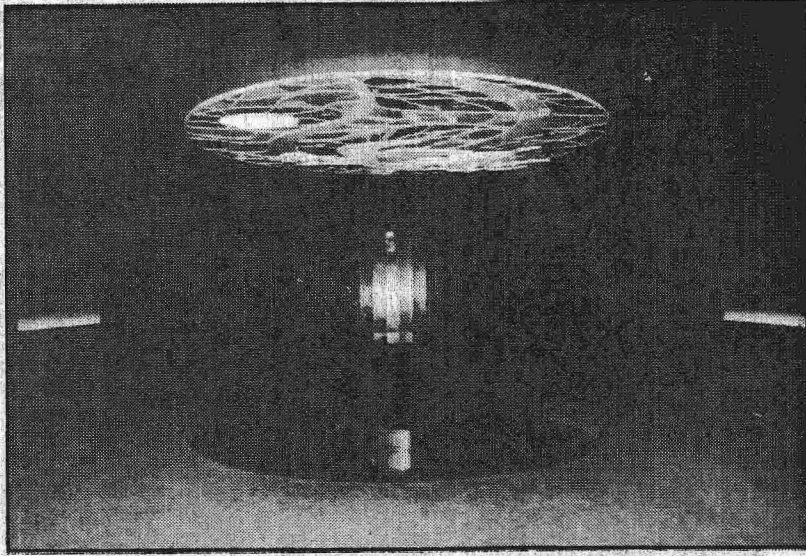
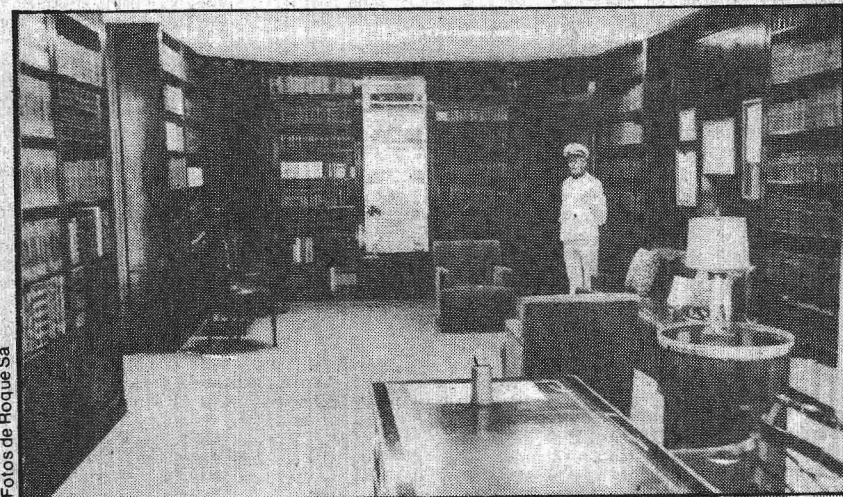




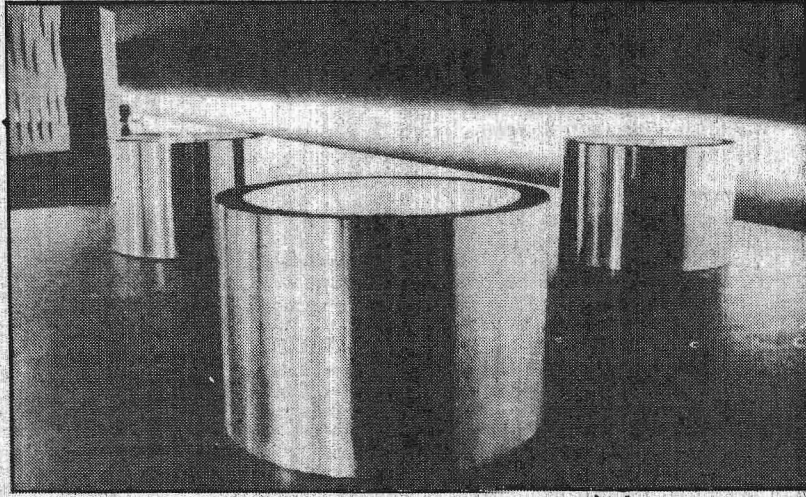
Uma visão espacial com o círculo vermelho



que abriga dentro, o túmulo de mármore sob os vitraux de Pereti



A biblioteca, tal como foi deixada



Dentro dos tubos metálicos, condecorações, títulos, etc.

Um passeio pelo túmulo de JK

Com cem cruzeiros entra-se no mundo póstumo de Juscelino Kubitschek. Depois de passar por um curto corredor, uma sala branca e vazia é o primeiro contato com o Memorial. Do lado esquerdo um balcão com pequenas lembranças do ex-presidente: cinzeiros, chaveiros, cartões postais e até os livros por ele escritos. Do outro, uma escada com carpete preto e duas placas: "O respeito aos mortos é demonstrado também pelo silêncio" e "As crianças que nos visitam aprendem a respeitar este lugar". E então quando as palavras curiosas dos visitantes são substituídas pelo murmúrio.

Ainda no Hall de entrada, existem mais duas portas, a do bar, onde são vendidos sanduíches, refrigerantes, cafezinhos e balas, e uma outra que dá para uma nova sala branca e vazia, com um jardim interno ao fundo. Segundo o administrador do Museu, Heliodoro dos Santos, esta sala será destinada a uma exposição permanente das 30 metas que notabilizaram o Governo JK, além da história da construção e inauguração de Brasília. Mas por enquanto somente dois quadros compõem sua decoração. Ambos cedidos pela Marinha do Brasil e pintados por Arlindo Mesquita.

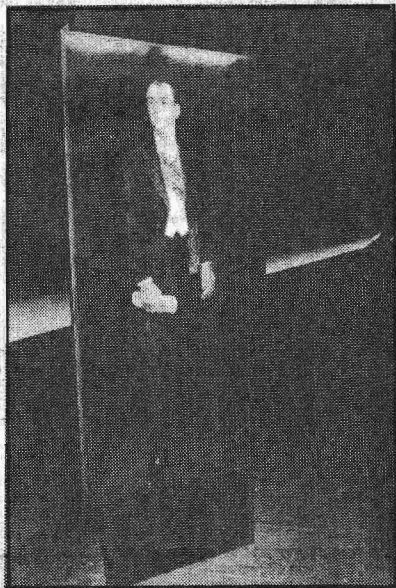
Em seguida, a biblioteca. O mesmo ambiente deixado por Juscelino Kubitschek em seu apartamento na Avenida Atlântica do Rio de Janeiro, é encontrado dentro do museu. A disposição dos livros dos móveis e inclusive os enfeites foram conservados ao gosto do ex-presidente, como faz questão de esclarecer o guia do museu. Ao todo são três mil livros da mais variada literatura: romances, história, medicina, arte, economia, política e biografias.

A atenção do visitante é imediatamente presa. Uma belíssima coleção de Shakespeare com capas esverdeadas e enfeites em ouro freia os olhos que passeiam pelos livros, além da Enciclopédia Britânica com 24 volumes, tão difícil de ser adquirida hoje em dia. No mais, as pessoas geralmente não repararam a extensa coleção de Alexandre Dumas, Machado de Assis, Miguel de Cervantes, Padre Antônio Vieira, além de vários livros sobre Adolf Hitler, César, e Jesus Cristo.

Uma biblioteca completa, abrangendo vários assuntos es-

**As metas do governo JK, no hall do Memorial.
Uma biblioteca de 3.000 volumes, bem ao gosto de Juscelino. Vitrines com medalhas, condecorações.
Num imenso espaço, entra-se no mundo póstumo do idealizador da Capital da Esperança.**

Cecília Maia



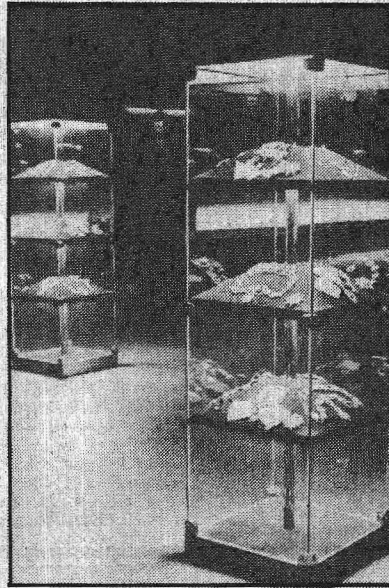
O retrato feito por Portinari

pecíficos ou não, que poderia atender a um extenso público leitor. Mas, ao contrário são todos livros tombados, fechados no armário para a eternidade.

"Esse assunto foi motivo de várias discussões na administração do museu. Eu também não gosto de livros fechados, mas nesta caso trata-se da História Brasileira, a vida de Juscelino Kubitschek. Para suprir essa falta, vamos criar uma sala de pesquisas com livros sobre história e sobre Juscelino que será aberta ao público. Também temos a intenção de colocar um orientador nesta sala para facilitar o trabalho dos interessados" — explicou Heliodoro.

As medalhas de vários países e as condecorações francesas e inglesas na parede ajudam a compor o cenário da biblioteca. A escrivaninha verde acompanha o tom do sofá de couro e a seu lado uma pequena mesa guarda a lembrança da visita de Juscelino Kubitschek a Roma: a loba da lenda de Rômulo e Remo, presenteada pelo prefeito Salvatore Rebecchini.

A escada do hall de entrada é o próximo caminho a ser seguido. A cada degrau que se avança o clima



Nas vitrines, as medalhas

vai se caracterizando pela penumbra, pela morbidez. Mesmo que não se queira, o ambiente é para cochichos, o silêncio domina. Nos cantos algumas poltronas. No centro, o vazio. Uma área de mais ou menos 200 metros quadrados, escura e oca. Em frente, um círculo de parede, algo meio espacial, avermelhado. Conforme os passos se aproximam a curiosidade vai ficando para trás. E o túmulo do ex-presidente de mármore preto pousado no centro do círculo. No teto, um pequeno buraco aberto deixa a luz do dia entrar, transformada em cores pelo bonito trabalho em vidros da artista Mariana Pereti, que colore o sono de Juscelino.

Dos 700 metros quadrados de museu, apenas uns duzentos metros quadrados são aproveitados, além do túmulo. Seis vitrines com medalhas, condecorações e chaves simbólicas esgotam os aparatos do museu. Ao fundo, a vitrine comprida é de onde o visitante pode realmente acompanhar a vida do fundador de Brasília. São retratos, uniformes, objetos pessoais, livros e bilhetes escritos pelo ex-presidente, toda a

sua história contada através de objetos até a sua morte, onde estão expostos cordéis, cujo conteúdo não se pode ler, recortes de jornais etc. Além disso, as grandes fotografias sobre Brasília, Juscelino no cerrado e a inauguração da cidade e um quadro do político mineiro, pintado a óleo por Cândido Portinari completam todos os objetos do museu, aquele que parece tão grande visto de fora.

Ao sair do Memorial a decepção é constatada. Tão pouca coisa a ser vista! Onde estará a vida de Juscelino, todos os fatos e acontecimentos que marcaram o seu governo e sua vida como político? Estarão eles guardadas na morbidez do museu?

"O Memorial JK foi organizado em apenas 4 dias para a inauguração. Agora já dispomos de uma museóloga que está organizando, catalogando, classificando, identificando e fazendo o tombamento do novo material, que deverá ser exposto em breve. Dessa forma, até o final de março estaremos com um museu mais equipado e com o auditório funcionando novamente" — afirmou Heliodoro.

De acordo com o administrador, o auditório com capacidade para 310 pessoas, não ficará fechado. Ele será um espaço para exibição de filmes, slides, peças teatrais, conferências, palestras e outras atividades que condizem com a finalidade cultural de manter vivos os anos JK e a história brasileira.

No começo desse ano, o auditório será reaberto com uma série de palestras. O Ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel falará sobre o barroco mineiro; a Secretária de Educação e Cultura, Eurides Brito, fará uma exposição sobre a meta de educação do governo JK; o deputado Tancredo Neves vai falar sobre a participação de Minas na vida política brasileira, e o arquiteto Oscar Niemeyer virá a Brasília para proferir uma palestra sobre a arquitetura da cidade.

Paralelamente a essas conferências, serão ministradas aulas de História para cursos primários, secundários ou universitários, conforme os pedidos das escolas na administração. Nesse sentido, a intenção é transformar o museu num lugar vivo, e participante, assim como foi Juscelino Kubitschek. E não mórbido e triste como hoje se apresenta o Memorial.